

# Visibilidade da violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens: uma revisão integrativa

*Visibility of intimate partner violence among youths and adolescents: an integrative review*

Marcella do Amaral Danilow<sup>1</sup> , Rafaela Gessner Lourenço<sup>1</sup> 

## RESUMO

**Objetivo:** identificar a visibilidade da violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens reportados nas áreas de saúde e educação. **Método:** Revisão integrativa, realizada nas plataformas Biblioteca Virtual em Saúde, *Scopus* e *PubMed/MEDLINE* em novembro de 2019 e atualizada em junho de 2021. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo temática. **Resultados:** foram selecionados 18 artigos e emergiram três categorias empíricas - a expressão da violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens de acordo com o sexo; impactos negativos e potenciais de proteção à violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens; a importância de intervenções em rede para o enfrentamento da violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens. **Conclusão:** adolescentes e jovens podem ser vítimas ou autores da violência, em ambas situações há determinação de gênero e as repercussões da violência podem perpetuar-se para a vida adulta. Conhecer as características desse fenômeno possibilita construir intervenções nos serviços de saúde e educação.

**Descritores:** Violência por Parceiro Íntimo; Adolescente; Gênero e Saúde.

## ABSTRACT

**Objective:** To identify the visibility of intimate partner violence among youths and adolescents reported in health care and education. **Method:** Integrative review using the platforms Virtual Health Library, Scopus, and PubMed/MEDLINE in November 2019 and updated in June 2021. The data were subjected to thematic content analysis. **Result:** 18 articles were selected, resulting in the following three empirical categories: the expression of intimate partner violence among youths and adolescents according to sex; negative impacts and potential protection factors for intimate partner violence among youths and adolescents; the importance of network interventions to confront intimate partner violence among youths and adolescents. **Conclusion:** Youths and adolescents can be the victims or perpetrators of violence. In both situations, gender is determinant and the repercussions of violence can be perpetuated in adult life. The characteristics of this phenomenon should be further investigated to create interventions in health care and education.

**Descriptors:** Intimate Partner Violence; Adolescent; Gender and Health.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mails: [marcelladanilow@ufpr.br](mailto:marcelladanilow@ufpr.br), [rafaelagessner@ufpr.br](mailto:rafaelagessner@ufpr.br).

**Como citar este artigo:** Danilow MA, Lourenço RG. Visibilidade da violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens: uma revisão integrativa. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2022 [cited \_\_\_\_\_];24:66326. Available from: <https://doi.org/10.5216/ree.v24.66326>.

Recebido em: 22/10/2020. Aprovado em: 26/11/2021. Publicado em: 07/19/2022.

## INTRODUÇÃO

A violência se manifesta na sociedade contemporânea de diversas formas<sup>(1)</sup>, entre elas a Violência por Parceiro Íntimo (VPI), um fenômeno comum, que afeta todos os grupos socioeconômicos, religiosos e culturais<sup>(2)</sup>. É definida como comportamentos efetuados numa relação de intimidade que provocam danos de ordem física, sexual ou psicológica, como agressão física, coerção sexual, comportamento controlador ou abuso psicológico<sup>(3)</sup>.

A VPI entre a população adolescente e jovem é um problema relevante e de elevada magnitude, evidenciado por pesquisas internacionais e nacionais<sup>(4-5)</sup>. Estudo realizado no Brasil demonstrou que 86,9% dos 3.200 jovens entrevistados sofreram violência verbal, sexual, física ou ameaça, num relacionamento de intimidade<sup>(6)</sup>. Pesquisa canadense<sup>(7)</sup> com mais de 21 mil jovens identificou que um em cada três jovens que mantiveram relacionamentos afetivos no ano anterior à pesquisa sofreu violência, com destaque para a violência psicológica que atingiu 27,8% dos entrevistados, a cibernética, relatada por 17,5% dos jovens e a violência física referida por 11,8% da amostra.

Destarte, a VPI adolescente e jovem necessita de maior atenção da comunidade científica, devido seu potencial para provocar repercussões em níveis singulares e coletivos, por afligir as percepções afetivo-sexuais entre os adolescentes e jovens e pela possibilidade de ser perpetuada e reproduzida em relacionamentos violentos na vida adulta<sup>(4)</sup>.

Para enfrentar a VPI na adolescência e juventude é fundamental considerar a sua construção histórica e social, uma vez que a violência está inserida e frequentemente é naturalizada na macroestrutura da sociedade<sup>(5-6)</sup>. Além disso, destaca-se a potencialidade da atuação em rede para o desenvolvimento de intervenções voltadas à prevenção e ao enfrentamento da VPI adolescente e juvenil, sobretudo aquelas desenvolvidas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) em parceria com o cenário escolar<sup>(8)</sup>. O setor de educação é um locus privilegiado, de acordo com a literatura, para o desenvolvimento de ações de saúde, uma vez que permite que estratégias de intervenção alcancem mais indivíduos de forma continuada, conforme demonstra estudo empreendido com 102 mil estudantes de escolas públicas e privadas das 26 capitais brasileiras<sup>(9)</sup>.

Essa ação intersetorial é necessária para o enfrentamento do problema, pois ao se analisar a atuação em rede voltada à população adolescente e jovem no segmento da saúde são detectados limites, como o distanciamento geracional entre adolescentes e jovens e os profissionais da saúde, a pouca inserção dos adolescentes e jovens nos serviços e a falta de Políticas Públicas direcionadas para esse segmento populacional<sup>(10)</sup>.

Neste estudo foi estabelecido o seguinte objetivo: identificar a visibilidade da violência entre parceiros íntimos adolescentes

e jovens reportadas nas áreas de saúde e educação. A relevância está em subsidiar novos conhecimentos científicos sobre a visibilidade da VPI na adolescência e juventude e, a partir disso, viabilizar estratégias para seu enfrentamento por meio da atuação em rede, especialmente aquelas empreendidas entre o setor saúde e educação.

## MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Para a realização deste estudo foram seguidos os seguintes passos: formulação da pergunta de pesquisa, a partir da identificação do problema; determinação do método de busca e compilação dos dados; coleta dos dados; verificação e análise dos dados; e, interpretação e exposição dos resultados. Justifica-se a escolha deste método por sua capacidade de fornecer informações amplas sobre o fenômeno estudado, de forma confiável, além de identificar possíveis lacunas no conhecimento<sup>(11)</sup>.

A pergunta de pesquisa foi elaborada com o método mnemônico PICo: População; Interesse e Contexto. Neste estudo, o P compreende a população adolescente e jovem, I corresponde a visibilidade da VPI e Co expressa as áreas da saúde e educação. Assim, foi formulada a pergunta de pesquisa: Qual é a visibilidade da VPI na adolescência e juventude reportada nas áreas da saúde e educação? Justifica-se que neste estudo considerou-se como áreas da saúde e educação aquelas que representam espaços sociais em que adolescentes e jovens produzem e reproduzem suas vidas. Além disso, esses espaços são entendidos como propícios para o desenvolvimento de ações voltadas ao público adolescente e jovem, considerando a pluralidade, e a intersectorialidade de ações de promoção da saúde nesses dois espaços.

As plataformas de busca pesquisadas foram Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SCOPUS e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), consultada por meio do Pubmed. Justifica-se a escolha dessas plataformas devido sua abrangência sobre o fenômeno da VPI na adolescência e juventude.

Para a busca foram definidos descritores controlados e não controlados, combinados com os sinônimos por meio de operadores booleanos. A estratégia de busca foi adotada de acordo com a especificidade de cada base de dados, conforme descrito no Quadro 1:

A busca foi realizada em cada plataforma considerando-se a data de início de suas publicações. Na MEDLINE o primeiro artigo rastreado pela estratégia de busca data de 1977, na BVS 1980 e na SCOPUS 1992. A seleção dos dados foi realizada em novembro de 2019 e atualizada em junho de 2021.

Foram incluídos artigos originais derivados de pesquisas primárias disponíveis no idioma português, inglês e espanhol, que respondessem à pergunta de pesquisa, estivessem disponíveis na íntegra em meio online e que tivessem sido

**Quadro 1.** Estratégias de busca utilizadas.

Plataforma de busca	Estratégia de busca
BVS	<i>(adolescent) OR (teenager) OR (youth) OR (teen) AND (intimate partner violence) OR (dating violence) OR (intimate partner abuse) AND (delivery of health care) OR (delivery of health care integrated) OR (health care systems) OR (secondary school)</i> Limitadores de busca: não foram utilizados
Scopus	<i>TITLE-ABS-KEY ("Adolescent" OR "Teenager" OR "Youth" OR "Teen") AND ("Intimate Partner Violence" OR "Dating Violence" OR "Intimate Partner Abuse") AND ("Delivery of Health Care" OR "Delivery of Health Care Integrated" OR "Health Care Systems" OR "Secondary School")</i> Limitadores de busca: não foram utilizados
MEDLINE (Pubmed)	<i>("Adolescent" [MeSH Terms] OR "Teenager" OR "Youth" OR "Teen") AND ("Intimate Partner Violence" [MeSH Terms] OR "Dating violence" OR "Intimate Partner Abuse") AND ("Delivery of Health Care" [MeSH Terms] OR "Delivery of Health Care Integrated" OR "Health Care Systems" OR "Secondary School")</i> Limitadores de busca: não foram utilizados

realizadas com participantes entre 10 e 24 anos, conforme o critério que considera adolescente o indivíduo entre os 10 e os 19 anos, e o jovem aquele entre os 15 e 24 anos<sup>(12)</sup>. Neste estudo não foi necessário definir critérios de exclusão.

A seleção de títulos, resumos e artigos incluídos foi realizada por dois revisores independentes. As dúvidas que surgiram durante esse processo foram dirimidas por discussão de consenso. A extração dos dados foi feita a partir de uma adaptação do instrumento validado por Ursi<sup>(13)</sup> incorporado ao Software WebQDA<sup>(14)</sup>. Os arquivos dos estudos selecionados no formato *Portable Document Format* foram inseridos na íntegra no sistema de Fontes Internas. A caracterização dos estudos foi realizada por meio dos códigos descritivos a partir do ano de publicação, autores, periódicos, país, área do conhecimento, idioma, tipo de estudo, objetivo ou questão de investigação, participantes, tratamentos dos dados, resultados, intervenções realizadas, análise e implicações para a área de estudo.

Na etapa seguinte os dados foram codificados por meio do Sistema de Códigos Árvore, que permitiu a realização da análise de conteúdo temática<sup>(15)</sup> e fez emergir três categorias empíricas: A expressão da violência entre parceiros íntimos

adolescentes e jovens nas áreas da saúde e educação; Impactos negativos e potenciais de proteção à violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens; A importância de intervenções em rede para o enfrentamento da violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens.

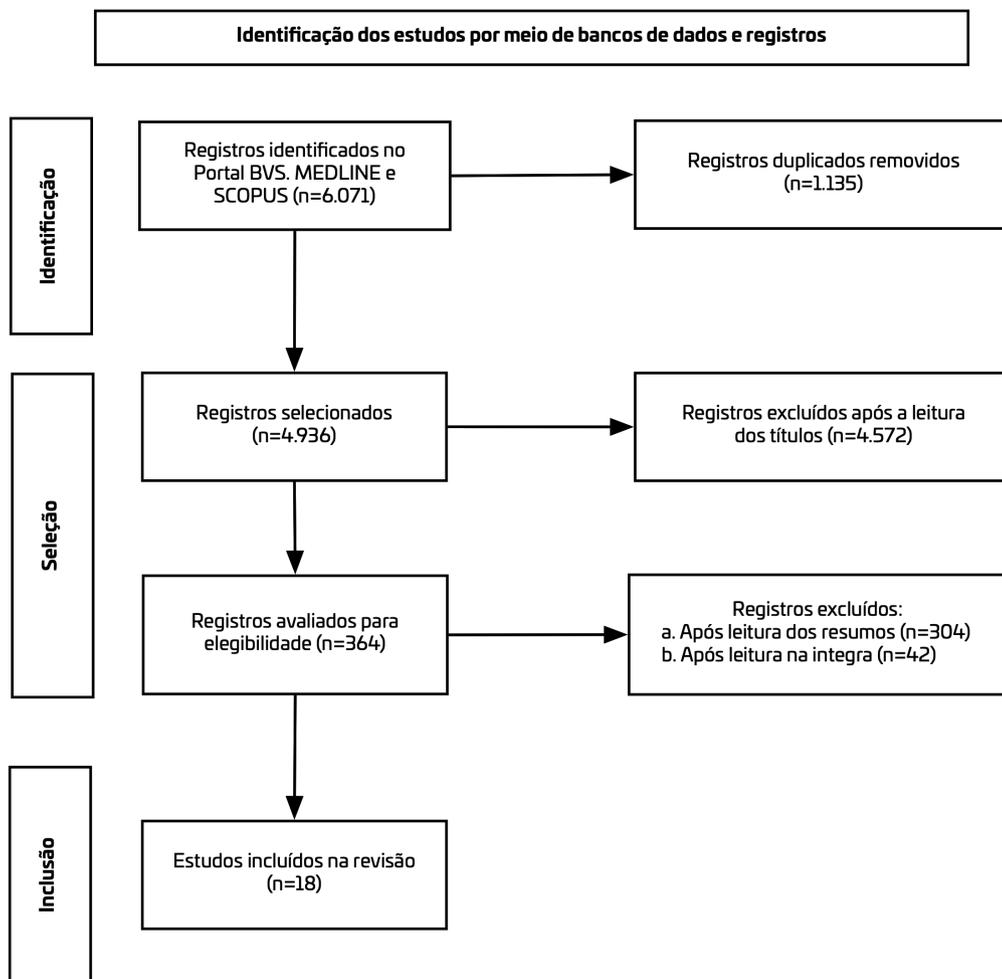
## RESULTADOS

Foram encontrados 6.071 artigos. No Portal BVS a pesquisa retornou 2.208 documentos, no MEDLINE 2.348 e na SCOPUS 1.515 artigos. Após a remoção dos duplicados restaram 4.936 documentos. Esses artigos foram submetidos à leitura do título, que selecionou 364 artigos. Após a leitura dos resumos 42 artigos foram separados para leitura na íntegra, que resultou numa amostra final de 18 artigos. A descrição das buscas está apresentada no *Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analyses*<sup>(16)</sup> (PRISMA) (Figura 1). O Quadro 2 descreve as publicações selecionadas neste estudo e a sua distribuição temporal.

O país com predominância de artigos que compuseram essa revisão foi os Estados Unidos da América (EUA), com 10 artigos<sup>(17,19-20,23-24,26-28,30-31)</sup>. O idioma majoritário das produções analisadas foi o inglês<sup>(17,19-34)</sup>, seguido pelo espanhol<sup>(18)</sup> e língua portuguesa<sup>(22)</sup>. Em relação ao delineamento metodológico dos artigos analisados, todos eram pesquisas quantitativas, sendo 15 amostragens randômicas<sup>(17,19,21,23-27,28,30-32)</sup> e três por conveniência<sup>(18,22,29)</sup>.

A soma da população de adolescentes e jovens que compuseram as populações investigadas nos estudos foi de 83.411, desses 50,54% eram do sexo feminino e 49,46% do sexo masculino. As relações íntimas que prevalecem entre os adolescentes e jovens que participaram dos estudos são heterossexuais e a média da faixa etária da população estudada é de 16,28 anos. As etnias dos adolescentes e jovens participantes desses estudos são variadas, dentre elas: hispânicos, caucasianos, asiáticos, afrodescendentes e indígenas. Um dos estudos foi realizado especificamente com filhos de imigrantes latinos<sup>(24)</sup>.

Os cenários dos estudos foram: escolas públicas e particulares; bairros pobres; centros de prevenção de violência e centros de saúde escolares. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados, em sua maioria, foram escalas e questionários. Destaca-se que quatro estudos<sup>(20,22,29,31)</sup> utilizaram a escala *Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory* (CADRI). As análises estatísticas dos dados foram feitas utilizando os softwares: *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) e *Stata Statistical Software*. Os artigos analisados definiram como suas limitações as escalas utilizadas, o número de entrevistados, o número de variáveis e a possibilidade de vieses, mesmo utilizando softwares, o que confere rigor metodológico aos estudos analisados.



Fonte: PRISMA report, 2021.

**Figura 1.** Fluxograma PRISMA: etapas para seleção dos artigos.

**Quadro 2.** Artigos selecionados para a revisão de literatura.

Título do Artigo	Autores	País de origem	Periódico	Ano
The structure of male adolescent peer networks and risk for intimate partner violence perpetration: Findings from a national sample <sup>(17)</sup>	Erin A. Casey e Blair Beadnell	Estados Unidos da América	Journal of Youth and Adolescence	2009
Jealousy and Violence in Dating Relationships: Gender-Related Differences among a Spanish Sample <sup>(18)</sup>	Julia Sebastián, Alba Verdugo e Beatriz Ortiz	Espanha	Spanish Journal of Psychology	2014
Prevalence and Health Impact of Intimate Partner Violence and Non-partner Sexual Violence Among Female Adolescents Aged 15–19 Years in Vulnerable Urban Environments: A Multi-Country Study <sup>(19)</sup>	Michele R. Descker, Sarah Peitzmeier, Adesola Olumide, Rajib Acharya, Oladosu Ojengbede, Laura Covarrubias, Ersheng Gao, Yan Cheng, Sinead Delany-Moretlwe e Heena Brahmhatt	Nigéria, Índia, China, Estados Unidos da América, África do Sul	Journal of Adolescent Health	2014
IPV Among Adolescent Reproductive Health Patients: The Role of Relationship Communication <sup>(20)</sup>	Adam Messenger e colaboradores	Estados Unidos da América	Journal of Interpersonal Violence	2015

**Quadro 2.** Continuação.

Título do Artigo	Autores	País de origem	Periódico	Ano
Prevalence and risk factors for intimate partner violence among Grade 8 learners in urban South Africa: baseline analysis from the Skhokho Supporting Success cluster randomized controlled trial <sup>(21)</sup>	Simukai Shamu e colaboradores	África do Sul	Int Health	2015
Prevalence and risk factors for intimate partner violence among Grade 8 learners in urban South Africa: baseline analysis from the Skhokho Supporting Success cluster randomized controlled trial <sup>(21)</sup>	Simukai Shamu e colaboradores	África do Sul	Int Health	2015
Intimate partner violence in adolescence: an analysis of gender and generation <sup>(22)</sup>	Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni e Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca	Brasil	Revista Brasileira de Enfermagem	2016
In Search of Teen Dating Violence Typologies <sup>(23)</sup>	Dennis E. Reidy, Barbara Ball, Debra Houry, Kristin M. Holland, Linda A. Valle, Megan C. Kearns, Khiya J. Marshall e Barri Rosenbluth	Estados Unidos da América	Journal of Adolescent Health	2016
Patterns of Dating Violence Victimization and Perpetration among Latino Youth Moderators <sup>(24)</sup>	H. Luz Mc Naughton Reyes e colaboradores	Estados Unidos da América	Journal of Interpersonal Violence	2016
Intimate partner violence in early adolescence: The role of gender, socioeconomic factors and the school <sup>(25)</sup>	Mason-Jones e colaboradores	Reino Unido, África do Sul, Bélgica, Holanda, Quênia	Africa Medical Journal	2016
Lifetime Prevalence Rates and Overlap of Physical, Psychological, and Sexual Dating Abuse Perpetration and Victimization in a National Sample of Youth <sup>(26)</sup>	Michele L. Ybarra e colaboradores	Estados Unidos da América	Archives of Sexual Behavior	2016
Patterns of Change in Adolescent Dating Victimization and Aggression During Middle School <sup>(27)</sup>	Elizabeth A Goncy e colaboradores	Estados Unidos da América	Journal of Youth and Adolescence	2017
Teen Dating Violence: Predicting Physical and Sexual Violence and Mental Health Symptoms Among Heterosexual Adolescent Males <sup>(28)</sup>	Peter Fawson e colaboradores	Estados Unidos da América	Violence and Victims	2017
Australian adolescents' experiences of aggression and abuse by intimate partners <sup>(29)</sup>	Elizabeth S Daff, TroyMcEwan e Luebbers Stefan	Austrália	Journal of Interpersonal Violence	2018
Sex and age effects in past year experiences of violence amongst adolescents in five countries <sup>(30)</sup>	Lindsay Stark e colaboradores	Estados Unidos da América	PLoS ONE	2019
Directionality of Dating Violence Among High School Youth: Rates and Correlates by Gender and Sexual Orientation <sup>(31)</sup>	Alyssa L. Norris e Gabriela López	Estados Unidos da América	Journal of Interpersonal Violence	2020

**Quadro 2.** Continuação.

Título do Artigo	Autores	País de origem	Periódico	Ano
Emerging partner violence among young adolescents in a low-income country: Perpetration, victimization and adversity <sup>(32)</sup>	Rachel Kidman e Hans-Peter Kohler	Malawi	Plos One	2020
Risk Behaviors Associated with Dating and Relationship Violence among 11–16-Year-Old in Wales: Results from the 2019 Student Health and Wellbeing Survey <sup>(33)</sup>	Danielle Couturiaux e colaboradores	País de Gales	International Journal of Environmental Research and Public Health	2021
Dating Violence Victimization among Adolescents in Europe: Baseline Results from the Lights Violence Project <sup>(34)</sup>	Carmen Vives-Cases e colaboradores	Espanha, Itália, Romênia, Portugal, Polônia e Reino Unido	International Journal of Environmental Research and Public Health	2021

## A expressão da violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens nas áreas pesquisadas

No que diz respeito à expressão da VPI adolescente e jovem, os resultados dos estudos apontam que esse é um fenômeno com características e visibilidades heterogêneas<sup>(19,23-24)</sup>. A forma da violência mais reportada nesta revisão é a física, evidenciada por todos os estudos analisados<sup>(17-34)</sup>. A segunda forma mais reportada foi a violência sexual<sup>(18-19,21-24,26,28-30)</sup>, seguida da violência psicológica<sup>(18,22-24,26,28-30,32-33)</sup> e da violência verbal<sup>(18,20,22,24,29)</sup>.

As formas de violência física mais relatadas pelos participantes dos estudos revisados são agarrões, chutes, empurrões, arremessos de objetos e tapas. Destaca-se que em cinco investigações<sup>(18,22,24,26,29,32)</sup> as adolescentes e jovens do sexo feminino foram as principais agressoras e, os do sexo masculino, foram os que mais sofreram vitimização deste tipo de violência. Um estudo<sup>(33)</sup> identificou que as mulheres são menos propensas a reportarem a violência física sofrida do que os homens.

No que diz respeito às manifestações da violência sexual, os artigos que compuseram a amostra demonstraram que essas compreendem beijar, tocar ou forçar ato ou conduta sexual contra a vontade do parceiro. Os perpetradores são, em sua maioria, do sexo masculino e a vítima, do sexo feminino<sup>(18,22,24,26,29,31-32)</sup>.

Sobre a violência psicológica foram descritos comportamentos característicos, como: não permitir que o(a) parceiro(a) encontre outras pessoas, ou converse com alguém do sexo oposto; questionar a respeito da rotina; tentar causar ciúmes; ofender e ridicularizar o parceiro; emitir opiniões prejudiciais na frente de outras pessoas e ameaçar terminar o relacionamento ou cometer traição<sup>(18,26)</sup>. Entre as investigações que abordaram a vitimização da violência psicológica, três apontaram<sup>(18,21-22)</sup> que os adolescentes e jovens do sexo masculino são os mais atingidos e dois apontaram o sexo feminino<sup>(22,26)</sup>. Três artigos<sup>(18,22,26)</sup> mostraram as adolescentes e jovens do sexo feminino como as principais perpetradoras dessa forma de violência, enquanto um estudo<sup>(24)</sup> apontou os do sexo masculino como perpetradores e dois estudos<sup>(32-33)</sup> identificaram que essa violência é perpetrada por adolescentes e jovens de ambos os sexos na mesma proporção.

A violência verbal é classificada por alguns estudos<sup>(18,22,29)</sup> como um subtipo da violência psicológica. De acordo com essa classificação, as mulheres foram relatadas como as principais agressoras e os homens como as vítimas. Essas pesquisas avaliaram a ocorrência dessa forma de VPI por faixa etária e demonstraram que a violência aumenta proporcionalmente conforme aumenta a idade dos jovens.

Alguns dos estudos analisados correlacionaram a existência de determinadas situações com a ocorrência de VPI adolescente e juvenil e destacaram: a delinquência<sup>(17)</sup>, o abuso sexual na infância<sup>(17,19,21)</sup>, o uso de álcool<sup>(17-19,21,25,31)</sup>, o testemunho de

VPI entre os pais<sup>(20,34)</sup>, rejeição por pares<sup>(17)</sup> e pertencer a um grupo de amigos que naturalize comportamentos violentos<sup>(17)</sup>.

## Impactos negativos e potenciais de proteção à VPI adolescente e jovem

De acordo com estudos que compuseram esta revisão a VPI produz impactos negativos na vida dos adolescentes e jovens, com capacidade de interferir negativamente na saúde mental<sup>(26,28)</sup> e provocar quadros depressivos<sup>(17,28)</sup>. Outra repercussão da VPI adolescente e jovem destacada são os comportamentos sexuais de risco, expressos, sobretudo, pelo não uso de preservativos, o que deixa os adolescentes e jovens expostos à Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)<sup>(19,25)</sup> e gestações não planejadas<sup>(25)</sup>.

Dois estudos<sup>(17,24)</sup> mencionaram a existência de potenciais de proteção para a VPI adolescente e juvenil, como coesão familiar, supervisão dos pais, possuir conhecimento sobre esse tipo de violência, possuir habilidade de resolver conflitos e participar de estratégias voltadas ao desenvolvimento do autocontrole.

No que diz respeito à procura de ajuda pelos adolescentes e jovens que sofreram VPI, um dos estudos analisados<sup>(32)</sup> apontou que um quarto dos 2.089 adolescentes e jovens pesquisados relatou ter buscado alguma forma de ajuda após a situação vivida. As mulheres foram as que mais procuraram por ajuda e os tipos de violência que mais despertam esse comportamento foram a violência emocional, sexual e física. A forma de ajuda procurada pelos adolescentes e jovens foi, em sua maioria, o apoio de amigos e família, sendo a procura por uma unidade de saúde, ou outro suporte formal, pouco reportada.

Destaca-se que na amostra analisada não foram encontradas investigações que abordassem exclusivamente a expressão da VPI adolescente e jovem identificadas em serviços de saúde.

## A importância de intervenções em rede para o enfrentamento da VPI adolescente e jovem

Todos os estudos analisados indicaram em suas recomendações finais e implicações a escassez de pesquisas científicas acerca da temática da VPI adolescente e jovem, sobretudo no que diz respeito à construção de propostas de intervenção em rede sobre o fenômeno. Além disso, reforçaram a necessidade de se compreender mais sobre o mecanismo de desenvolvimento e perpetuação dessa violência, a fim de possibilitar a implementação de ações adequadas, com vistas a prevenir sua ocorrência durante a adolescência, juventude e em relacionamentos mantidos na vida adulta.

Ademais, é importante destacar outras conclusões obtidas pelos estudos analisados, como a prática da VPI de maneira bidirecional, identificada em situações que os agressores podem cometer mais de um tipo de violência e desempenhar tanto o

papel de perpetrador, como o de vítima da situação violenta no relacionamento<sup>(19-20,23-24,28-29,31,33)</sup>. Nesse contexto, destaca-se que a influência das questões de gênero na determinação da VPI adolescente e jovem, traduzida na assimetria de poder entre homens e mulheres nos relacionamentos de intimidade, foi abordada em apenas três estudos<sup>(21-22,31)</sup>.

No que se refere às intervenções para o enfrentamento da VPI adolescente e jovem foram identificadas iniciativas para o desenvolvimento de rodas de conversa escolares, lideradas por jovens influentes em suas redes de pares, para fomentar o diálogo sobre abordagens respeitadas em relacionamentos de intimidade<sup>(17)</sup>. Além disso, há o incentivo para a inclusão nos currículos escolares de conteúdos sobre a resolução de conflitos em relacionamentos<sup>(20)</sup>, a realização de intervenções comunitárias<sup>(16)</sup> e o aumento de discussões das questões de gênero como determinantes da VPI<sup>(22,31)</sup>.

Entre os estudos analisados, a escola foi indicada como um ambiente ideal para a execução de intervenções que almejam a prevenção da VPI adolescente e jovem. As pesquisas<sup>(21,23)</sup> apontaram que essas intervenções devem ser baseadas em evidências para que sejam mais eficazes, e que, além disso, reconheçam que os adolescentes podem desempenhar múltiplos papéis em um relacionamento<sup>(26,32,34)</sup>. Recomenda-se que essas ações sejam multidisciplinares, que atendam necessidades físicas e psicossociais, considerem os contextos de maior vulnerabilidade social<sup>(19,27)</sup>, além de englobar as consequências da VPI, por exemplo, a contracepção de emergência e profilaxia pós-exposição ao HIV<sup>(19)</sup>.

## DISCUSSÃO

A revisão integrativa permitiu identificar a visibilidade da violência entre parceiros íntimos adolescentes nas áreas de saúde e educação.

A categoria “A expressão da violência entre parceiros íntimos adolescentes nas áreas pesquisadas” aponta que as meninas relataram serem as principais agressoras da violência física, psicológica e verbal, em comparação com os meninos. Entretanto, os índices entre os dois grupos são próximos, no que se refere a violência psicológica e verbal. Esses achados são similares aos descritos pela literatura<sup>(22-35)</sup>. Todavia, uma investigação questiona o fato de as meninas cometerem mais agressões ou se este grupo, na verdade, é o que mais relata as agressões perpetradas, possivelmente por ser o grupo que demonstra ter mais conhecimentos a respeito da VPI, se comparado aos meninos<sup>(2)</sup>. Tais observações podem ser justificadas como consequências da supremacia masculina social, que naturaliza a violência cometida pelos homens. Dessa forma, expressões de violência são, até certo ponto, esperadas para o comportamento masculino. Da mesma maneira, as mulheres também são forjadas nesse constructo social, que naturaliza e permite a violência masculina.

Um estudo publicado em 2016<sup>(23)</sup> aponta que é necessário refletir se os meninos omitem a prática e a perpetração de atitudes violentas porque não as consideram como tal. Esta argumentação é sustentada pela identificação de níveis mais altos de aceitação da violência entre os meninos. Para desnaturalizar comportamentos tidos como típicos de homens e mulheres, é necessário fazer o estranhamento desses comportamentos construídos socialmente, questionando e criticando, e, dessa forma, tornando o invisível, visível<sup>(1)</sup>.

Nos estudos que compuseram a amostra desta revisão, identificou-se que a violência sexual se apresenta, em sua maioria, com a perpetração masculina e a vitimização feminina, confirmando a determinação da violência pelo gênero, que objetiva o corpo feminino como propriedade do homem, tido como sujeito da relação<sup>(1,22,36-37)</sup>. Em oposição a esse achado está o resultado de apenas um dos artigos analisados<sup>(24)</sup> que identificou taxas maiores de vitimização sexual entre meninos, sendo destacado pelo estudo a necessidade de novas pesquisas para confirmar ou refutar esse achado.

Os resultados demonstram que a violência psicológica é praticada predominantemente pelas meninas, porém, esses resultados são muito próximos aos obtidos entre a população masculina. Essa prática feminina pode ser explicada pelo fato de as meninas possuírem mais liberdade para expressar sentimentos de tristeza e decepção do que os meninos. Da mesma forma, a violência verbal é mais perpetrada pelas meninas, o que pode ser uma maneira de expressar os sentimentos<sup>(22)</sup>, uma tentativa de não ser subjugada pelo parceiro, ou uma estratégia de defesa para evitar ser vítima de atos violentos<sup>(1)</sup>.

Os resultados demonstram a necessidade de aumentar as discussões sobre as questões de gênero no âmbito da construção das relações de intimidade entre adolescentes e jovens. Reitera-se essa necessidade ao se considerar que os relacionamentos afetivos e sexuais desse grupo populacional começam cada vez mais cedo. Uma pesquisa<sup>(35)</sup> realizada em 2016, concluiu que adolescentes iniciam a atividade sexual entre os 13 e 17 anos de idade. Nesta conjuntura não se pode compreender esse fenômeno como apenas a primeira relação sexual, mas como uma passagem circundada pelas relações de gênero, enraizadas culturalmente pela sociedade<sup>(36)</sup>.

A heterossexualidade foi predominante entre os adolescentes e jovens pesquisados pelos artigos revisados neste estudo, o que compõe o modelo hegemônico e socialmente esperado. As questões de gênero estão refletidas nos resultados dos estudos analisados, por exemplo, por meio da imposição aos meninos da exacerbação sexual, o que pode os expor a comportamentos de riscos, como a manutenção de múltiplas parceiras e do sexo sem proteção<sup>(1)</sup>.

Os resultados deste estudo mostraram que a VPI na adolescência e juventude possui características próprias, expressas, sobretudo, pela violência bidirecional, isto é, os

adolescentes e jovens podem se comportar como vítimas ou como perpetradores da violência na vigência do mesmo relacionamento. Essa característica difere da VPI entre adultos, que normalmente é unilateral<sup>(37)</sup>. Esse fenômeno pode também ser explicado pelo fato das relações mantidas entre adolescentes e jovens não possuírem a mesma lógica de assimetrias de relações conjugais adultas, expressas, sobretudo, por questões financeiras, os cuidados com o lar, ou com os filhos, por exemplo<sup>(22)</sup>.

É importante ressaltar que, a despeito da característica bidirecional, as formas mais graves da VPI adolescente e jovem, como a sexual, são desferidas contra as meninas e, nesse caso, assim como na VPI entre adultos, caracteriza-se como uma violência de gênero, marcada pelo controle, do homem sobre a mulher. A violência de gênero é um problema que afeta a vida e a integridade das mulheres, como agressões conjugais, mutilações, abusos sexuais, físicos e psicológicos, homicídios e uma série de sintomas físicos e psicossomáticos<sup>(38)</sup>.

Em relação à categoria “Impactos negativos e potenciais de proteção à violência entre parceiros íntimos adolescentes e jovens” foram identificadas características que podem ser agrupadas como potenciais de proteção e de desgastes associados à VPI, ou seja, questões que determinam diferentes formas de viver, adoecer e morrer, ao se considerar o processo saúde-doença e a maneira com que se entrelaça a ele a vivência das categorias sociais de gênero, geração e etnicidade que cada indivíduo porta<sup>(39)</sup>.

Neste estudo foram identificados como potenciais de proteção a coesão familiar, a cultura, o conhecimento sobre o tema, possuir habilidades para resolver conflitos e o desenvolvimento de autocontrole. Estudo empreendido com 416 estudantes jovens norte-americanos corrobora essa afirmação ao demonstrar que uma intervenção *online* desenvolvida para a educação sobre a VPI promoveu o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao empoderamento pessoal para coibir a aceitação à violência nos relacionamentos entre adolescentes e jovens<sup>(40)</sup>.

Em contrapartida, foram identificados como potenciais de desgaste: delinquência, sofrer abuso sexual na infância, exposição a violência na infância, uso de álcool, depressão, testemunhar VPI entre os pais, rejeição por pares, ter grupos de amigos que aceitam a violência e a vulnerabilidade socioeconômica. Alguns desses desgastes, como o excesso de consumo de bebida alcoólica, o baixo desempenho acadêmico e a vivência de sintomas depressivos também foram identificados por estudo<sup>(41)</sup> realizado com mais de 25 mil jovens de 13 a 18 anos sobre a vivência da VPI.

Assim como demonstrado nesta revisão, estudo filipino<sup>(42)</sup> apontou que os jovens que conseguem sair de relacionamento violentos informam que a saída dessa situação é considerada um ato individual, e que quando os entrevistados buscam

apoio o fazem entre amigos, motivados pelo sentimento de confiança<sup>(40)</sup>.

Os resultados deste estudo evidenciaram que a VPI adolescente e jovem é percebida nos territórios que foram investigados, com destaque para a área da educação. Apesar da magnitude da violência na sociedade e suas consequências inquietantes, o tema ainda é tratado de forma incipiente pelo setor da saúde, sendo muitas vezes entendido como exclusivo das áreas da segurança pública e justiça, o que justifica a necessidade de mais intervenções e do reconhecimento do problema como pertinente à área da saúde<sup>(38)</sup>.

Por isso, é necessário destacar o potencial protetivo que os serviços de saúde representam no que diz respeito à violência entre adolescentes e jovens, com realce para a atuação da enfermagem, conforme abordado em *guideline* baseado em evidências produzido pela *Society for Adolescent Health and Medicine*, nos EUA<sup>(43)</sup>. As práticas descritas nesse guia incluem a facilitação na utilização dos serviços de saúde, a melhora no alcance da educação preventiva e aconselhamento sobre saúde sexual e reprodutiva, e incentivo à participação familiar no cuidado à saúde do adolescente e jovem, fomentando a comunicação efetiva.

No que diz respeito à categoria “importância de intervenções em rede para o enfrentamento da VPI adolescente e jovem” os estudos analisados apontaram ser essencial trabalhar em rede para capilarizar as ações de enfrentamento à VPI nas áreas de saúde e educação. Todavia, os resultados indicam que as redes de atenção à saúde não são bem constituídas para o enfrentamento da VPI adolescente e jovem. Destaca-se que os profissionais de saúde, em muitos casos, são os primeiros a terem contato com pessoas em situação de violência<sup>(10)</sup>.

Os artigos que compuseram a amostra demonstram que as ações para o enfrentamento da VPI são centralizadas, sobretudo na escola. A atuação em rede para pessoas em situação de violência caracteriza-se pela integração de instituições em níveis intra e intersetorial, promovendo a atenção de forma integral, buscando a cidadania e equidade. É indispensável a articulação entre a comunidade escolar e os profissionais de saúde, garantindo o acolhimento e reconhecimento do problema, oferecendo os encaminhamentos necessários, almejando a qualidade e desenvolvimento de estratégias de prevenção à violência eficientes<sup>(39)</sup>. Portanto, é indispensável que as escolas estejam integradas às redes de atenção à saúde, pois constituem uma das partes intersetoriais fundamentais para a prevenção da VPI adolescente e jovem tendo em vista que é neste espaço que são construídos relacionamentos sociais e iniciam-se as aprendizagens sexuais e as relações de gênero<sup>(44)</sup>.

Nesse sentido, pesquisa empreendida em duas capitais brasileiras avança nessa questão ao discutir a pertinência da adoção de ações conjuntas entre educação, organizações do terceiro setor e serviços de saúde para triar e enfrentar a

VPI adolescente e jovem, pautadas no protagonismo dessa população e no reconhecimento de suas necessidades em saúde<sup>(5)</sup>.

Os achados desta revisão apontaram para uma lacuna científica no que diz respeito à produção de estudos na área da saúde e brasileiros sobre a temática. Estima-se que a escassez de conhecimento científico nacional possa estar ligada à pouca visibilidade desse fenômeno no Brasil e a ausência de medidas para seu enfrentamento e prevenção, achados corroborados por revisão de escopo empreendida em 2019<sup>(9)</sup>.

## Limitações

Este estudo apresentou como limitações o fato de ter analisado apenas três bases de dados e não ter analisado literatura cinzenta entre as fontes pesquisadas, justifica-se essa ausência devido ao tempo de desenvolvimento da pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão permitiu responder à pergunta de pesquisa e identificar a visibilidade da VPI adolescente e juvenil reportada nas áreas de saúde e educação, mapeando as suas diferentes formas de manifestação e lacunas da literatura científica.

As pesquisas empreendidas acerca da VPI adolescente e jovem abordam esse fenômeno de forma a diferenciá-lo da violência cometida nos relacionamentos de intimidade entre adultos e identificam a sua característica bidirecional, em que ora o adolescente ou jovem atua como perpetrador e ora como vítima. Entretanto, mesmo diante desse achado, é mister esclarecer o peso que as questões de gênero exercem na determinação da violência sofrida, cabendo, normalmente, às meninas a vivência de formas graves de violência, como a sexual e a física.

Os dados evidenciam a necessidade de intervenções precoces e em rede para enfrentar a problemática da VPI adolescente e jovem, sobretudo, desenvolvidas intersetorialmente entre os campos da educação e saúde. Além disso, incluem a necessidade de que essas ações considerem as questões de gênero como determinantes da VPI, com vistas a desnaturalizar qualquer forma de violência.

Como implicações para a enfermagem, as reflexões propiciadas por esse estudo podem fortalecer o reconhecimento da VPI adolescente e jovem como uma forma de violência sustentada por estereótipos de gênero que naturalizam a sua ocorrência desde os primeiros relacionamentos afetivos e sexuais, que em última instância, são capazes de perpetuar esse fenômeno para relacionamentos vividos na vida adulta. Além disso, os achados deste estudo apontam para a necessidade de incluir essa problemática como foco de atenção das ações de saúde voltadas ao público adolescente, vislumbrando práticas assistenciais que permitam mitigar os impactos negativos que

a VPI adolescente e jovem possui sobre os projetos de vida desses indivíduos.

## REFERÊNCIAS

1. Mendonça CS, Machado DF, Almeida MAS, Castanheira ERL. Violência na Atenção Primária em Saúde no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2020 [cited 2022 May 10];25(6):2247-57. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.19332018>.
2. Fernandes MID, Sá MCA, Veríssimo CME, Leitão MN. Violência por parceiro íntimo nos adolescentes: conhecer o fenômeno para intervir. XVI Coloquio Panamericano de Investigación En Enfermería, Cuba, 2018.
3. Organização Pan-Americana da Saúde, Organização Mundial da Saúde. Covid-19 e a violência contra mulher. O que o setor/sistema de saúde pode fazer [Internet]. 26 mar. 2020. [cited 2022 May 26]. Available from: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52016/OPASBRACOV1920042\\_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52016/OPASBRACOV1920042_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y).
4. Beserra MA, Leitão MNC, Fabião JASAO, Dixe MACR, Veríssimo CME, Ferriani MGC. Prevalence and characteristics of dating violence among school-aged adolescents in Portugal. *Esc. Anna Nery* [Internet]. 2016. [cited 2022 May 10];20(1):183-91. Available from: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160024>.
5. Lourenço RGF, Fonseca RMGS. Primary Health Care and the Third Sector in the face of violence between intimate adolescent partners. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [Internet]. 2020 [cited 2022 May 10];28:e3341. Available from: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3811.3341>.
6. Oliveira QBM, Assis SG, Njaine K, Pires TO. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. *Psic.: Teor. e Pesq.* [Internet]. 2017. [cited 2022 May 10];32(3):e32323. Available from: <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32323>.
7. Exner-Cortens D, Baker E, Craig W. The national prevalence of adolescent dating violence in Canada. *J Adolesc Health* [Internet]. 2021 [cited 2022 May 10];69(3):495-502. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2021.01.032>.
8. Deslandes SF, Vieira LJES, Cavalcanti LF, Silva RM. Atendimento à saúde de crianças e adolescentes em situação de violência sexual, em quatro capitais brasileiras. *Interface* [Internet]. 2016 [cited 2022 May 10];20(59):865-77. Available from: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0405>.
9. Terribele FBP, Munhoz TN. Violência contra escolares no Brasil: Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2015). *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2021 [cited 2022 May 10];26(1):241-54. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.32272018>.
10. Lourenço RG, Fornari LF, Santos DLA, Fonseca RMGS. Community interventions related to intimate partner violence among adolescents: scope review. *Rev. Bras. Enferm.* [Internet]. 2019 [cited 2022 May 10];72(1):277-86. Available from: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0586>.
11. Roman AR, Friedlander MR. Revisão integrativa de pesquisa aplicada à enfermagem. *Cogitare Enferm.* [Internet]. 1998 [cited 2022 May 10];3(2):109-12. Available from: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44358>.
12. Adolescent health [Internet]. Geneva: World Health Organization; c2022 [cited 2022 May 10]. Available from: <https://www.who.int/health-topics/adolescent-health>.
13. Ursi ES. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura [dissertation]. [Ribeirão Preto (SP)]: Universidade de São Paulo: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 2005 [cited 2022 May 10]. Available from: <https://doi.org/10.11606/D.22.2005.rde-18072005-095456>.
14. Andrade LRS, Linhares RN, Costa AP. Estratégias para o uso de representações visuais na análise de dados qualitativos em QDAS. *Práxis Educacional* [Internet]. 2021 [cited 2022 May 10];17(48):255-76. Available from: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.8807>.
15. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
16. Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews *BMJ* [Internet]. 2021 [cited 2022 May 10];372(8284):n71. Available from: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>.
17. Casey EA, Beadnell B. The structure of male adolescent peer networks and risk for intimate partner violence perpetration: findings from a national sample. *J Youth Adolesc* [Internet] 2010. [cited 2022 May 10];39(6):620-33. Available from: <https://doi.org/10.1007/s10964-009-9423-y>.
18. Sebastián J, Verdugo A, Ortiz B. Jealousy and violence in dating relationships: gender-related differences among a Spanish sample. *Span J Psychol* [Internet]. 2014 [cited 2022 May 10];17:E94. Available from: <https://doi.org/10.1017/sjp.2014.99>.
19. Decker MR, Peitzmeier S, Olumide A, Acharya R, Ojengbede O, Covarrubias L et al. Prevalence and Health Impact of Intimate Partner Violence and Non-partner Sexual Violence Among Female Adolescents Aged 15-

- 19 Years in Vulnerable Urban Environments: A Multi-Country Study. *J Adolesc Health* [Internet]. 2014 [cited 2022 May 10];55(6 Suppl):S58-67. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.08.022>.
20. Messinger AM, Davidson LL, Rickert VI. IPV among adolescent reproductive health patients: the role of relationship communication. *Journal of Interpersonal Violence* [Internet]. 2011 [cited 2022 May 10];26(9):1851-67. Available from: <https://doi.org/10.1177/0886260510372933>.
21. Shamu S, Gevers A, Mahlangu BP, Jama Shai PN, Chirwa ED, Jewkes RK. Prevalence and risk factors for intimate partner violence among Grade 8 learners in urban South Africa: baseline analysis from the Skhokho Supporting Success cluster randomised controlled trial. *Int Health* [Internet]. 2016 [cited 2022 May 10];8(1):18-26. Available from: <https://doi.org/10.1093/inthealth/ihv068>.
22. Brancaglioni BCA, Fonseca RMGS. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. *Rev Bras Enferm* [Internet] 2016 [cited 2022 May 10];69(5):946-55. Available from: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>.
23. Reidy DE, Ball B, Houry D, Holland KM, Valle LA, Kearns MC, Marshall KJ, Rosenbluth B. In Search of Teen Dating Violence Typologies. *J Adolesc Health* [Internet]. 2016 [cited 2022 May 10];58(2):202-7. Available from: <https://10.1016/j.jadohealth.2015.09.028>.
24. Reyes HLM, Foshee VA, Chen MS, Ennett ST. Patterns of Dating Violence Victimization and Perpetration among Latino Youth. *J Youth Adolesc* [Internet]. 2017 [cited 2022 May 10];46(8):1727-42. Available from: <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0621-0>.
25. Mason-Jones AJ, De Koker P, Eggers SM, Mathews C, Temmerman M, Leye E et al. Intimate partner violence in early adolescence: The role of gender, socioeconomic factors and the school. *S Afr Med J* [Internet]. 2016 [cited 2022 May 10];106(5):60. Available from: <https://doi.org/10.7196/SAMJ.2016.v106i5.9770>.
26. Ybarra ML, Espelage DL, Langhinrichsen-Rohling J, Korchmaros JD, Boyd D. Lifetime Prevalence Rates and Overlap of Physical, Psychological, and Sexual Dating Abuse Perpetration and Victimization in a National Sample of Youth. *Arch Sex Behav* [Internet] 2016 [cited 2022 May 10];45(5):1083-99. Available from: <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0748-9>.
27. Goncy EA, Farrell AD, Sullivan TN. Patterns of Change in Adolescent Dating Victimization and Aggression During Middle School. *J Youth Adolesc* [Internet]. 2018 [cited 2022 May 10];47(3):501-14. Available from: <https://doi.org/10.1007/s10964-017-0715-3>.
28. Fawson PR, Jones T, Younce B. Teen Dating Violence: Predicting Physical and Sexual Violence and Mental Health Symptoms Among Heterosexual Adolescent Males. *Violence Vict* [Internet]. 2017 [cited 2022 May 10];32(5):886-96. Available from: <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-15-00077>.
29. Daff ES, McEwan TE, Luebbers S. Australian Adolescents' Experiences of Aggression and Abuse by Intimate Partners. *J Interpers Violence* [Internet]. 2021 [cited 2022 May 10];36(9-10):NP5586-609. Available from: <https://doi.org/10.1177/0886260518801936>.
30. Stark L, Seff I, Hoover A, Gordon R, Ligiero D, Massetti G. Sex and age effects in past-year experiences of violence amongst adolescents in five countries. *PLoS One* [Internet]. 2019 [cited 2022 May 10];14(7):e0219073. Available from: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0219073>.
31. Norris AL, López G, Orchowski LM. Directionality of Dating Violence Among High School Youth: Rates and Correlates by Gender and Sexual Orientation. *J Interpers Violence* [Internet]. 2022 [cited 2022 May 10];37(7-8):NP3954-80. Available from: <https://doi.org/10.1177/0886260520951308>.
32. Kidman R, Kohler HP. Emerging partner violence among young adolescents in a low-income country: Perpetration, victimization and adversity. *PLoS One* [Internet]. 2020 [cited 2022 May 10];15(3):e0230085. Available from: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0230085>.
33. Couturiaux DVR, Young H, Anthony RE, Page N, Lowthian E, Melendez-Torres GJ et al. Risk Behaviours Associated with Dating and Relationship Violence among 11-16 Year Olds in Wales: Results from the 2019 Student Health and Wellbeing Survey. *Int J Environ Res Public Health* [Internet]. 2021 [cited 2022 May 10];18(3):1192. Available from: <https://doi.org/10.3390/ijerph18031192>.
34. Vives-Cases C, Sanz-Barbero B, Ayala A, Pérez-Martínez V, Sánchez-SanSegundo M, Jaskulska S et al. Dating Violence Victimization among Adolescents in Europe: Baseline Results from the Lights4Violence Project. *Int J Environ Res Public Health* [Internet]. 2021 [cited 2022 May 10];18(4):1414. Available from: <https://doi.org/10.3390/ijerph18041414>.
35. Ferreira I. Perfil sexual dos brasileiros revela diferenças entre homens e mulheres. *Jornal da USP* [Internet]. 2016 Jun 24 [cited 2022 May 10]. Available from: <https://jornal.usp.br/?p=14451>.
36. Carvalho JB, Melo MC. A família e os papéis de gênero na adolescência. *Psicologia & Sociedade* [Internet]. 2019 [cited 2022 May 10];31:e168505. Available from: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31168505>.

37. Carneiro JB, Gomes NP, Campos LM, Silva AF, Cunha KS, Costa DMSC. Understanding marital violence: a study in grounded theory. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [Internet]. 2019 [cited 2022 May 10];27:e3185. Available from: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3116.3185>.
38. Ferriani MGC, Campeiz AB, Martins JE, Aragão AS, Roque EMST, Carlos DM. Understanding and contextualizing teen dating violence. *Esc. Anna Nery* [Internet]. 2019 [cited 2022 May 10];23(3):e20180349. Available from: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0349>.
39. Breilh J. SARS-COV2: rompiendo el cerco de la ciencia del poder. Escenario de asedio de la vida, los pueblos y la ciência. In: Rodríguez Alzueta E, Breilh J, Belén Herrero M, Belardo M, Katz C, Acosta A et al. *Posnormales: pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias* [Internet]. Buenos Aires: ASPO; 2020 [cited 2022 May 10]. p. 31-89. Available from: <http://hdl.handle.net/10644/7817>.
40. O'Brien KM, Sauber EW, Kearney MS, Venaglia RB, Lemay EP. Evaluating the Effectiveness of an Online Intervention to Educate College Students About Dating Violence and Bystander Responses. *J Interpers Violence* [Internet]. 2021 [cited 2022 May 10];36(13-14):NP7516-46. Available from: <https://doi.org/10.1177/0886260519829769>.
41. Edwards KM. Incidence and Outcomes of Dating Violence Victimization Among High School Youth: The Role of Gender and Sexual Orientation. *J Interpers Violence* [Internet]. 2018 [cited 2022 May 10];33(9):1472-90. Available from: <https://doi.org/10.1177/0886260515618943>.
42. Helm S, Baker CK, Berlin J, Kimura S. Getting In, Being In, Staying In, and Getting Out: Adolescents' Descriptions of Dating and Dating Violence. *Youth & Society* [Internet]. 2017 [cited 2022 May 10];49(3):318-40. Available from: <https://doi.org/10.1177/0044118X15575290>.
43. Santa Maria D, Guilamo-Ramos V, Jemmott LS, Derouin A, Villarruel A. Nurses on the Front Lines: Improving Adolescent Sexual and Reproductive Health Across Health Care Settings. *Am J Nurs* [Internet]. 2017 [cited 2022 May 10];117(1):42-51. Available from: <https://doi.org/10.1097/01.NAJ.0000511566.12446.45>.
44. Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CEB nº 11/2010 [Internet]. Brasília – DF: Ministério da Educação; 2010 [cited 2022 May 10]. Available from: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6324-pceb011-10&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6324-pceb011-10&Itemid=30192).

